



AMAZONAS

Fragata

Incorporação: 7 de abril de 1852.

Baixa: 25 de janeiro de 1884.



(Acervo: Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha)

Fragata a Vapor construído nos estaleiros Thomas Wilson, Birkenhead, Liverpool, Inglaterra, e nomeado de Amazonas pelo Aviso de 21 de agosto de 1851, sendo lançado ao mar no dia 25 do mês seguinte. Foi-lhe passada mostra de armamento, em Liverpool, a 7 de abril de 1852, quando recebeu o distintivo nº 62.

As características do navio eram as seguintes: media 195 pés de comprimento, 32 pés de boca e 20 pés e 5 polegadas de pontal, do calado à proa 13 pés e à popa 14 pés. Possuía seis canhões. Deslocava 370 t. Era de caixa de rodas. Suas máquinas a vapor de tríplice



expansão eram da firma Benjamin Hick & Son, de Boston e desenvolviam a força de 350 CV. Dispunha de uma chaminé e de um condensador de superfície. Chegava a desempenhar uma velocidade de 11 milhas. A capacidade de suas carvoeiras era de 300 t gastando, em 24 horas 28 t. Tinha quatro caldeiras.

Depois de lançado ao mar, passou para as docas do norte da cidade de Boston, a fim de se prosseguir a construção. Era aparelhado a brigue-barca e com velame. A figura de proa era uma escultura de índia em corpo inteiro, representando uma amazona, tendo ao ombro uma aljava e na mão direita um remo de pá de canoa ordenada com um cinto e um canitar de penas. Na popa tinha uma escultura emblemática com as Armas Imperiais e bandeiras brasileiras e outros atributos navais. Para as decorações foi empregado o mogno.

Dispunha, além de uma espaçosa câmara para o comandante, de oito camarotes para oficiais. Os paióis de pólvora ficavam abaixo da linha d'água e de vapor. À proa estavam os camarotes para os inferiores, cobertas para marinheiros e foguistas e enfermaria com oito beliches. Existiam 12 tanques para aguada. Sua guarnição em tempos de guerra seria de 200 homens e em tempo de paz 170 homens.

Sua artilharia foi recebida em Lisboa e constava de seis peças, sendo quatro de calibre 68, em bateria, com piso de 90 quintais cada uma, de seis pés e oito polegadas de comprimento. Tal artilharia lançava um projétil de oito polegadas de diâmetro; de duas peças de calibre 68, em rodízio, de 113 quintais de peso e de 9 pés de comprimento. Podiam as da bateria, fazer fogo com um ângulo de 50° e as de rodízio em linha paralela a quilha. As colijas e estrados eram de ferro. Dispunha de duas lanchas a remos sobre os tambores das caixas de rodas e de cinco escaleres.

Foi nomeado seu primeiro comandante, o Capitão-Tenente (à época, posto correspondente ao atual capitão de corveta) Elizário Antônio dos Santos, futuro Almirante e Barão de Angra. Aportou no Rio de Janeiro em 2 de junho de 1852, tendo feito escala na Bahia. Saiu novamente no dia 24 do mesmo mês para a Bahia, regressando em 18 de julho.

Por Aviso de 9 de agosto de 1852, assumiu o seu comando o Capitão de Fragata Joaquim Raymundo de Lamare. No dia 15 de outubro, zarpou para a Bahia e de regresso, na



noite de 6 de novembro, abalroou com o Brigue nacional *Sarah*, que foi a pique, resultando-lhe quebrar beque. Entrou na baía Guanabara no dia 8 de novembro.

Ainda no ano de 1852 assumiu o seu comando, interinamente, o Capitão-Tenente Achilles Lacombe. Por Aviso de 4 de novembro do mesmo ano, foi nomeado para substituí-lo o Capitão de Fragata Rafael Mendes de Moraes e Valle. Em 19 de janeiro de 1853 assumiu, interinamente, o seu comando o Capitão-Tenente Francisco Xavier de Alcântara.

Por Aviso de 13 de julho de 1853, foi nomeado como comandante o Capitão-Tenente Luiz da Gama Rosa. Suspendeu no dia 19 do referido mês para Montevidéu. Regressou ao Rio de Janeiro no dia 14 de dezembro; zarpou para o porto do Prata em 15 de janeiro de 1854, regressando ao Rio de Janeiro em 11 de maio. Em 10 de dezembro rumou de novo para Montevidéu de onde voltou em 7 de junho de 1855. Assumiu seu comando, por Aviso de 31 do referido mês e ano, o Capitão-Tenente José Segundino de Gomensoro.

No dia 12 de agosto de 1854 foi içado o pavilhão de Comandante da Divisão do Rio de Janeiro o Chefe de Divisão Frederico Mariath, arriando no dia 22 de setembro. Ainda no dia 17 de outubro daquele ano foi desfraldado o pavilhão do Chefe de Divisão, Comandante da Divisão do Rio da Prata, Pedro Ferreira de Oliveira.

No dia 20 de fevereiro de 1855 chegou às Três Bocas, chefiando a expedição naval contra o Paraguai. Arriou a insígnia do chefe, que foi passada para bordo do Vapor *Ipiranga*. De volta ao Rio de Janeiro, seguiu em 16 de agosto de 1855 para o Maranhão, onde sofreu reparos. Regressou em 5 de novembro e zarpou para Montevidéu no dia 13 de abril de 1856, voltando para o Rio em 6 de maio. No dia 20 de junho de 1856 suspendeu para a Bahia e regressou em 16 de julho. Partiu no dia 13 de outubro para Pernambuco e retornou em 13 de dezembro. Assumiu, interinamente, o seu comando, por Aviso de 18 de dezembro do mesmo ano, o Capitão-Tenente Francisco Edwiges Brício.

Em 28 de maio de 1857, um contingente de sua equipagem assistiu a bordo do Brigue *Fidelidade*, o fuzilamento de um imperial marinho que havia assassinado o guardião da Corveta *Recife*. Por Aviso de 8 de agosto de 1857, assumiu seu comando o Capitão-Tenente Manoel Pedro dos Reis. Em 11 do mesmo mês, passou a ser considerada em completo



armamento enquanto nela estivesse destacada a guarnição do Vapor *Paraense*. A 21 do dito mês, saiu em comissão reservada e regressou no dia 29; zarpou a 19 de setembro para Montevideu e regressou a 14 de janeiro de 1858; tornou a sair para o mesmo porto a 24 do dito mês e regressou a 30 de julho. Por Aviso de 21 de dezembro desse ano, assumiu o seu comando o Capitão de Fragata Theotônio Raymundo de Brito. Suspendeu âncoras e rumou para Bahia, escoltando com a *Belmonte* e a *Paranaense*, o Vapor *Apa*, em que viajava o Imperador e a corte em visita às províncias do Norte, regressou no dia 11 de fevereiro de 1860.

Saiu a cruzar a 8 de maio de 1862 e regressou a 18 de junho do mesmo ano. Zarpou para o Pará, com escalas a 24 de novembro, e regressou a 10 de dezembro do mesmo ano. Saiu, com insígnia, a 6 e retornou a 13 de março de 1864. Partiu para o Rio da Prata a 24 de abril com a Missão Saraiva, com destino a Montevideu, escalando em Santa Catarina a 29, lá chegando a 8 de maio; regressando a 16 de junho; zarpou para Montevideu a 23 de outubro acompanhado do *Beberibe*, levando para o Sul um contingente do Primeiro Batalhão de Infantaria.

No Tratado de Comércio, Navegação Limites e Extradicação assinado em 23 de outubro de 1851 pelo Brasil e Peru na cidade de Lima foi negociado e concluído o problema da abertura da navegação do Rio Amazonas. Algumas cláusulas do contrato foram questionadas por ambos os países posteriormente e, no dia 22 de outubro de 1858 foi assinado em Lima outra convenção entre os dois países. Nesse último acordo foi determinada a nomeação de uma comissão mista para reconhecer e demarcar a fronteira assinalada.

Enquanto se formava a comissão entre os dois países, os comandantes dos navios peruanos *Morona* e *Pastaza* armados em guerra e ancorados na cidade de Belém, no Pará resolveram no ano de 1863 navegar no Rio Amazonas sem o consentimento das autoridades brasileiras. Assim, no dia 17 de dezembro de 1863 a Fragata *Amazonas* entrou em Pernambuco para se reunir a esquadilha comandada pelo Almirante Parker e composta dos navios *Beberibe*, *Belmonte*, *Parnaíba* e *Ipiranga*, fazendo assim que os navios peruanos recusassem para a província de origem.



Como capitânia da Segunda Divisão Naval em Operações de Guerra, com o pavilhão do Chefe Manoel Barroso da Silva, subiu o Rio Paraná a fim de bloquear a República do Paraguai, após a declaração de guerra. Constava a sua equipagem então de 149 praças da Armada e 14 oficiais de todas as classes. Recebeu a seu bordo o Nono Batalhão de Infantaria da Polícia do Rio de Janeiro (303 praças e 10 oficiais). A 11 de junho de 1865, trava-se a formidável Batalha Naval do Riachuelo que enche de glória e ufania a Pátria brasileira.

Em 18 de junho de 1865, Barroso forçou o Passo de Mercedes e em 12 de agosto foi transposto o Passo de Cuevas. No dia 22 de janeiro de 1867, regressou ao Rio de Janeiro. Por Aviso de 23 de março desse ano, foi mandada pôr em disponibilidade enquanto durasse seus reparos. Por Aviso de 25 de abril do mesmo ano, foi mandado passar Mostra de Armamento. Em 27 de agosto do mesmo ano assumiu seu comando o Capitão-Tenente Joaquim Guilherme de Mello Carrão.

No dia 3 de outubro de 1867, ao demandar Montevideú, encalhou no parcel da Ilha das Flores, quando ficou com pequenas avarias, sendo auxiliado por três transportes nacionais e dois vasos ingleses. Em 1868, estava em Montevideú. Pelo Decreto nº 4.117, de 14 de março de 1868, se determinou que em seu mastro de proa fosse içada e nunca arriada a fita da Ordem Imperial do Cruzeiro; e que no centro da sua roda do leme se fixasse a Venera de Oficial da mesma Ordem. De 20 de abril de 1868 a 8 de fevereiro de 1869, sofreu reparos.

Em 30 de novembro de 1869, assumiu o seu comando o Capitão de Fragata Artur Silveira da Motta, futuro Almirante e Barão de Jaceguai, que o deixou em março do ano seguinte. Seguiu para Montevideú, onde se conservou como capitânia da divisão ali estacionada, durante todo o ano de 1870.

Por Aviso de 26 de novembro de 1874, passou a completo armamento. Voltou a Montevideú. De regresso ao Rio de Janeiro, atracou no Porto de Florianópolis a 13 de março de 1879. Em Ordem do Dia de 25 de janeiro de 1884, foi designada para navio de instrução da Escola Prática de Artilharia e Torpedos. Diante da Revolta da Armada de 1893, foi ela ocupada pelos rebeldes. Encalhada ao oeste da Ilha das Enxadas foi a pique, sendo que fpo retirado um dos seus mastros, a figura de proa, roda do leme e outras relíquias e uma mina a



destruiu, em 1897. O mastro do traquete foi arvorado na Escola Naval, na Ilha das Enxadas, onde foi devorada pelos cupins.

Em 1890, dizia em seu relatório o Almirante Wandenkolk “À Fragata *Amazonas* apenas se lhe devem fazer os reparos necessários para conservá-la como gloriosa recordação de um fato histórico”.

Além dos citados, comandaram-na: José Cândido Guillobel, Antônio Mariano de Azevedo, Eliezer C. Tavares, Basílio Barbado, Manuel Lopes da Cruz, João A. Alves Nogueira, José Marques Guimarães, Miguel Antônio Pestana, Eduardo Wandenkolk, Antonio Ferreira de Oliveira, J. Cardoso Pereira de Melo, e Cerqueira Lima.